

A Consciência na Criatividade de João de Araújo Correia

O que existe de humano no ensaísta que se dedica a esta causa impõe-lhe por instantes afastar-se do cunho científico e, assim, não pode ignorar e deve mesmo registar o carácter elevado de um homem/médico generoso e incansável, João de Araújo Correia, a quem (nas palavras de João Bigotte Chorão) no dia da sua morte uma paciente lhe dissera que até os montes o chorariam.

João de Araújo Correia era um homem discreto, ordenado e considerava a admiração um dos mais belos sentimentos. Quando se formou era um homem que tivera os seus anos de formação na elevada cultura e reflexão, pelo que, se tornou escritor cumprindo-se a sina com origens inalcançáveis. No corpo de um médico dedicado e sensível, de um patriarca firme e exemplar, apesar de reservado, continuou sempre a germinar um escritor intrínseco às Letras. Neste sentido, afirmou convictamente que nasceu escritor. Notável conhecedor da Língua Portuguesa e da natureza humana, purista, de um rigor silencioso, modesto com as autoridades literárias e os autores que despontam, possuidor de um vocabulário que vai além do vernáculo e chega a ser inédito, é autor de contos geniais e de crónicas assertivas, também de novelas, poemas e de um admirável e profícuo epistológrafo. Possuidor de um estilo muito pessoal e correcto, cimenta-o admiravelmente, além da sua ficção neo-camilianista que traça o Ser da gente laboriosa e sofredora que conhece, e da crónica, o manuseio sintáctico-semântico das suas epístolas. São características marcantes na sua escrita a essencialidade da palavra, a densidade humanista do enredo e a simbiose artística entre o conteúdo e a mensagem. Desde o seu primeiro livro, que data de 1938, *Sem Método* – cujo prefácio à segunda edição é um reparo à crítica: “Quem é que não se repete? Só se não repete quem lavou a cara uma vez e nunca mais. Eu repito-me... Tenho a honra de me repetir todos os dias e até nas horas de cada dia” –, que da sua obra verte um universo múltiplo e deslumbrante. No respeito pelo homem de carne e osso entende-se o diálogo espiritual que os seus livros têm – diálogo este que o autor de *Pátria Pequena* assume como universal, ainda que o homem seja sempre o mesmo no tempo e no espaço. Vem a propósito referir a particularidade da obra atrás citada, a qual é constituída por crónicas dedicadas ao concelho do Peso da Régua. São textos pequenos, simples e interventivos¹.

Sobre o conto, na carta introdutória do volume *Contos*, escreveu Vergílio Ferreira que “um conto (como uma cerâmica ou uma gravura), bem realizado, excede em importância um mal realizado romance”. Ao contar em retratos palavrados os sentimentos, as vidas, os homens e as mulheres que fizeram e deram sentido à terra suada que é a sua, Araújo Correia mostra-se fiel às suas origens, de onde nunca saiu decididamente (para viver), como Camilo Castelo Branco, que nunca saiu de Portugal. Com clareza, sensibilidade, um estilo transparente e pessoal, finos rasgos poéticos, numa aproximação entre a linguagem escrita e a falada, a popular e a erudita, JAC² verteu em páginas cavadas a fundo as porções de vida com que ainda nos seduz. Ora, o despojamento verbal nada artificial, num discurso, sempre que necessário, coloquial, torna a sua prosa limpa, nunca contaminada pelo calão, e afirma a sua resistência a supostas correntes de vanguarda ou a tendências literárias.

A sua nobreza assentava na Liberdade, numa firmeza de postura, na pureza da língua, o que levou Aquilino Ribeiro a considerá-lo “o mestre de nós todos”, realçando, deste

¹ Vide: António José Borges, “Pátria Pequena e o Carácter Universal na escrita de João de Araújo Correia”, in *Revista Geia*, n.º 1, Peso da Régua, Tertúlia de João de Araújo Correia, 2009, pp. 48-58.

² Leia-se: João de Araújo Correia.

³José Braga-Amaral, “Epistolário de João de Araújo Correia – Espelhos de um confessorário”, *op. cit.*, p. 19.

modo, a sua humildade, dedicação e o respeito pela língua.

Ao escrever na terra que vive uma vindima perpétua (terra/pátria que é também, realce-se, a de Domingos Monteiro) ombreia com nomes como Sá de Miranda, Bernardes, Camilo, que considerava o seu predilecto, nas suas palavras “o nosso idioma na pena de um génio”, entre outros, que preferiram as suas pátrias locais ao pulsar dos grandes centros da cultura. Assim, nomeadamente os contos de Araújo Correia, sem desprimor pelo cronista e epistológrafo, surgem como o vento do espírito de uma época e as suas palavras assemelham-se aos socacos depositados nas encostas, os quais permitem alcançar o que os ventos do tempo foram semeando. Como um médico, o nosso contista escreveu sobre as histórias que acontecem – são histórias que mostram a fraqueza da gente, não terminando necessariamente bem ou mal.

Como produtor de um registo epistolográfico, ainda inédito, como há poucos em Portugal, constituído por uma linguagem que alia a elegância à criatividade discursiva, com toda a propriedade da língua, Araújo Correia também cumpre a preceito os desígnios da epístola como reprodução, expressão sentida de uma cumplicidade e de um compromisso ético, sendo que se trata, no dizer de José Braga-Amaral, de um “roteiro dos nomes maiores da epistolografia”³. Neste sentido, na impossibilidade de aqui poder deixar registados todos os nomes, importa referir que JAC correspondeu-se intensamente com João Gaspar Simões, João Bigotte Chorão, Joaquim Montezuma de Carvalho, Aquilino Ribeiro, Teixeira de Pascoaes ou Guedes de Amorim, algumas vezes com Jacinto do Prado Coelho, entre outros dignos de referência, e ainda outras poucas com Eugénio Lisboa, Fernando Namora, Urbano Tavares Rodrigues ou Ana Hatherly, sem desprimor por todos os outros correspondentes, com projecção pública ou não, importantes na sua correspondência e não mencionados aqui. Colaborou com textos literários na *Colóquio/Letras*, entre outras revistas nacionais, e em diversos jornais nacionais e regionais. Com efeito, foi corajoso, porém, delicado, ou talvez possamos aqui inverter a ordem das palavras, no relacionamento com várias figuras da praça central do meio literário português, como é precisamente o caso de Jacinto do Prado Coelho. Sigo de perto uma carta de JAC (24 de Junho de 1973) dirigida a este mesmo, desabafando sobre os erros nas edições dos livros de Camilo (Castelo Branco) e em geral, sendo que também se considerava um mártir dos mesmos. Assim registou:

Ex.mo Senhor Professor
Dr. Jacinto do Prado Coelho:

[...]

É insolúvel, creio eu, o problema da revisão dos livros de Camilo. Se, em primeiras edições, saídas do prelo em vida do autor, há disparates que se não concebem, devemos atribuí-los ao Diabo, que se meteu de permeio entre o autor e a tipografia. Isto, à parte os lapsos devidos a ignorâncias e pressas de quem tomava o freio nos dentes para escrever a mata-cavalo. Eu não hesitaria em emendar respeitosamente a mão de quem escreveu, por exemplo, Manon de L’Escaut em vez de Manon Lescaut.

Digna de referência é também uma carta de 1972, em que Araújo Correia lamenta-se do seu eremitério ao prezado e ilustre confrade Fernando Namora.

No exercício da sua prosa límpida, que é a dos seus contos e das suas crónicas, Araújo Correia não raras vezes torna notável o trivial. Neste sentido, para o autor a expressão é um milagre. Ora, tomando como exemplo desta deriva as suas crónicas, sendo um género em que tão bem expõe a sua pena cívica, as ideias casam com a forma e o estilo com as ideias, concretizando a premissa horaciana da *Arte Poética*, em que o *utile* e o *dulce* se conjugam, ou, na verdade, será mais correcto dizer que o útil é cumprido através do deleite. Justamente, a expressão perfeita em JAC tem que ver com a clareza e a leveza da sua escrita, não obstante a vernaculidade do seu dicionário discursivo. No género da crónica exercia o seu dever de cidadania, combatia os *deficits* da civilização, regional ou extra-regional, sendo disto exemplo ter desejado para a sua região do Douro um museu eloquente, precisamente com sede no Peso da Régua. Portanto, foi um dos máximos precursores da mais recente elevação cultural da região.

O escritor em grande medida torna a dizer o que já foi dito. Logo, é um criador à altura da maneira como diz. Prezando a liberdade e a originalidade, mas sem excentricidade,

o contista de *Contos Bárbaros* é com justiça considerado por João Bigotte Chorão “um clássico contemporâneo”⁴. Tendo pedido águas a Cervantes e a Balzac, mais duas das suas maiores referências literárias, o autor vinca, ainda assim, um estilo próprio de mover a discussão, a divulgação e a procriação literária.

Há planos de incidência delineáveis na análise das suas crónicas, entre os quais podemos privilegiar as explanações do autor sobre o escritor e a escrita, observações acerca do meio literário e reflexões sobre géneros literários. Tomando como exemplos determinados textos presentes em obras como *Pontos Finais*⁵ ou *Pó Levantado*, onde constam alguns textos que atestam os referidos planos, justamente neste último, numa crónica intitulada “Conceitos Literários”, escreve JAC:

“Penso, como o prègador, que só o estilo pode distinguir talento e talento. Ideias novas não há. O ideário é velho como a terra ou como a lua. Servi-lo com justeza, correcção e elegância, à parte a originalidade que não transcenda as raias do juízo – é talento significativo de personalidade. Sim, quando o poeta nato quebra a lira para ser romancista ou o romancista se põe a dedilhar lira emprestada – não é ninguém. Também é certo, como entendia Herculano, que só o querer distingue inteligência de inteligência. *Peut qui veut* foi a sua divisa”.⁶

Se concebermos que na subconsciência está alojada a arte do escritor e na consciência o seu ofício, logo entendemos que em JAC a inspiração e a forma sejam sinónimo de um processo fecundante. A avaliar pela sua arte, certamente que o autor de *Contos Durienses* considerava que o escritor deve ter um estilo próprio, possuir dotes de retórica e de imaginação e, não menos importante, ser conhecedor, utilizador e defensor do carácter vernáculo da grande prosa.

A obra-prima de Araújo Correia não é uma, são os retratos tirados a olho nu, da gente, costumes, linguagem e história, do Douro, da condição humana, por um homem, um pedagogo, que foi uma figura de linguagem invulgar, sempre sob o pano do purismo, conciliador, recorde-se, da linguagem popular com a vernácula, que aprendeu com a gente do Douro vocábulos inéditos, logo, construtor de uma obra que se afirma por si só.

A mudança de regime em Portugal, após o 25 de Abril, não mudou nada nele, os seus temas literários e as suas entregas como médico e homem continuaram a ser as mesmas, dando seguimento à sua solidariedade com os sofrimentos alheios. O Douro continuou a ser o reflexo do seu objecto e, deste modo, o autor de *Caminho de Consortes* perseverou com a sua arte a humanizar a natureza, como o próprio Araújo Correia considerava ser o propósito da arte. As suas crónicas locais, de afirmação da identidade, revestem-se daquela crítica, sátira mordaz só ao alcance dos homens realmente livres. Neste sentido, impõe-se assinalar o interessante volume de crónicas *Nuvens Singulares*.

Tomando como exemplos, entre outros, as obras *Enfermaria do Idioma* e *Dispensário Linguístico* (na badana da contracapa deste mesmo livro escreve o seu filho Camilo de Araújo Correia, também um notável cronista que já não se encontra entre nós em vida: “Meu pai vivia tão intensamente a Língua Portuguesa, que nos mandava fechar o rádio ou a televisão sempre que lhe eram mais insuportáveis os atropelos da linguagem falada” – ora, os atropelos continuam), esta última póstuma e editada em primeira edição no ano centenário do nascimento do autor, anotamos imediatamente que de facto a Língua Portuguesa é para JAC o “sangue materno”, seguindo de perto as suas palavras. Antecedendo o nosso autor, na mesma linha está o de *Novelas do Minho*. Camilo une-se em compromisso com a sua estética e é, também assim, a representação do nosso idioma na criação de um talento único. Sobre este mesmo autor, eremita de São Miguel de Seide, produziu Araújo Correia um ensaio digno de referência, *Uma Sombra Picada das Bexigas*, conquanto tenha ficado por concretizar a devida biografia do autor de *A Queda dum Anjo*.

O conto correiano é de concentração doseada, não obstante o dito teor interventivo do conteúdo, com o toque do fino observador directo, crítico dos valores da palavra dada, a integridade, a honestidade, ou o cumprimento dos deveres e das prioridades sociais – um filantropo que era – pujante de fina ironia, aqui e ali exagerada, mas levemente caricatural, com bom senso e sal suficiente para fazer as delícias dos leitores.

Há nos contos de JAC um caudal linguístico, rural e urbano, que se insere nos diversos núcleos temáticos que passam pelo casamento, pelos tribunais, pela doença, pelas traições, pela morte, entre outros, em que o narrador é, não raras vezes, um médico. Os livros

⁴ João Bigotte Chorão, *João de Araújo Correia – Um clássico contemporâneo*. Lisboa: Instituto de Cultura e Língua Portuguesa – Divisão de Publicações (Biblioteca Breve, Volume 107), 1986.

⁵ No conjunto da sua obra, *Pontos Finais* insere-se no rol de livros considerados como: Títulos diversos.

⁶ João de Araújo Correia, “Conceitos Literários”, in *Pó Levantado*. Peso da Régua: Imprensa do Douro, 1974, pp. 11-12.

⁷ João de Araújo Correia, *Contos Bárbaros*. Peso da Régua: Imprensa do Douro, 1968, p. 136.

⁸ Maria Alzira Seixo, “A palavra fecundante”, in *In Memoriam de João de Araújo Correia*. Vila Real: Grémio Literário Vila-Realense / Câmara Municipal de Vila Real, 2010, p. 56.

⁹ João de Araújo Correia, in José Braga-Amaral, *À conversa com João de Araújo Correia* (Prefácio de João Bigotte Chorão). Edição do autor, 2002, p. 24.

de contos já citados são suficientemente exemplificativos – plenos de uma aparência não só condensada, mas também burilada, em cujos contos mora a eternidade do vate que se exprime a espaços com uma temperatura poética assinalável. Como mera referência, no conto “Miguel”, que faz parte do volume *Contos Bárbaros* – um êxito de livraria que motivou, porém, ironia da parte do autor, pois só passados vinte e nove anos conseguiu vender mil exemplares – escreve: “Na eira, junto ao solar, o fidalgo contemplava os aspectos da montanha e do vale. Era um mapa de sombras num mar de luz tão doce, que obrigava a sonhar volúpias”⁷. Pelo que, não deve ser dito uma só vez que a ruralidade que é representada e ironizada é, de igual modo, ornamentada de uma linguagem inovadora, impressionista e, a espaços, polvilhada de humor.

Como reforço oficial da qualidade dos quadros escritos de composição airosa e simultaneamente profunda no seu sentido, que é a sua produção literária, veio JAC a receber em 1969 o Prémio Nacional de Novelística.

Julgamo-lo o último cultor da vernaculidade portuguesa. Reconhecemos nele o saudosismo de Trindade Coelho e a necessidade telúrica e o casticismo de Torga, do Abade de Baçal ou de certos modos de Alves Redol e Soeiro Pereira Gomes.

Ávido de contacto com a natureza e a sua beleza, Araújo Correia semeou, na qualidade de prosador, mas como só um poeta o pode fazer, um caudal de impressões escritas sobre o rio que amou: o Douro.

Sobre a origem e o alcance da voz feita palavra em JAC, escreve Maria Alzira Seixo que

A voz da terra regista-se, na obra de João de Araújo Correia, e descreve-se a sua prolação como canto da manifestação humana no percurso dos seus vários caminhos: incertos, difíceis, reprováveis, tantas vezes incompreensíveis e tantas outras surpreendentes de entrega ao ideal, de pasmo ou alienação. Essa voz, atentamente ouvida e reproduzida pelo escritor, numa sintaxe que em simultâneo procede à figuração e à sugestão, fecunda a sua escrita como semente temática e estilística que frutifica, tanto como fecunda a leitura, de todos nós, em conhecimento dessa terra, desse homem, e sobretudo em possibilidade de conhecimento do poder que tem a Literatura.⁸

Justamente no conto o autor imprime o vínculo inquebrantável que não nos permite fugir das raízes. É esta ligação que suporta e fortalece a personalidade.

Ora, “se o que faço é arte, então que se leiam as páginas que a vida me ditou”⁹, escreveu o contista que declarou como uma das suas mais gratas emoções da vida literária: “Ter feito chorar uma criança que ouviu ler à mãe um dos meus contos”.

Dos seus livros brota, essencialmente, uma atmosfera de sugestão e dramatização, conduzidas pela boa alma e boa habilidade do escritor criador da consciência como personagem.

Em síntese, o foco central da obra de João de Araújo Correia, que é uma autêntica antropologia literária, incide no ser humano enquanto agente circunstancial das suas fraquezas e virtudes, em larga medida expressas no Douro, nas suas gentes, costumes, linguagem, história, dramática ou não, que o autor vindica pela intenção universal do seu impressionismo tocante, rigoroso, irónico, recheado de algum humor e de afirmação clássica. ▽